

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ENFERMAGEM
DISCIPLINA: ESTAGIO CURRICULAR

PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A AGRESSIVIDADE
NO AMBIENTE ESCOLAR



PATRÍCIA DE MENEZES CASTILHOS

PORTO ALEGRE, JULHO DE 2001.

PATRÍCIA DE MENEZES CASTILHOS

**PERCEPÇÃO DE PROFESSORES SOBRE A
AGRESSIVIDADE NO AMBIENTE ESCOLAR**

Trabalho de Conclusão elaborado como pré-requisito
para aprovação na Disciplina de Estágio Curricular

Orientadora:
Maria da Graça Corso da Motta

Porto Alegre, julho de 2001

Orientadora:
Profª Drª Maria da Graça Corso da Motta

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, pela paciência e incentivo neste momento, onde a fragilidade se tornou evidente.

A minha professora e orientadora Maria da Graça Corso da Motta, pela sua delicadeza e dedicação para o enriquecimento do presente estudo.

Ao Professor Doutor Renato Zamora Flores, coordenador do Projeto de Extensão do qual estou vinculada, por ter me incentivado e me transmitido conhecimentos desde o início da faculdade.

Aos professores da Escola Municipal de 1º Grau Vereador Carlos Pessoa de Brum, que contribuíram para a realização deste estudo.

“Nós pedimos com insistência:
Não digam nunca: isso é natural!
Diante dos acontecimentos de cada dia
Numa época em que reina a confusão
Em que corre o sangue.
Em que se ordena a desordem,
Em que o arbitrário tem força de lei,
Em que a humanidade se desumaniza,
Não digam nunca: isso é natural!”

(Bertolt Brecht apud BOCK, 1995, p. 282)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	3
2	FUNDAMENTANDO O TEMA.....	5
3	OBJETIVOS.....	10
3.1	Objetivo Geral	10
3.2	Objetivos específicos.....	10
4	METODOLOGIA.....	11
4.1	Tipo de estudo	11
4.2	Participantes	11
4.3	Contexto.....	12
4.4	Coleta de informações.....	12
4.5	Considerações éticas.....	13
4.6	Interpretação das informações.....	13
5	DESVELANDO AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES	15
5.1	Caracterizando agressividade.....	16
5.1.1	Crianças sem limites e respeito.....	17
5.1.2	Atitude agressiva.....	18
5.1.3	Sem vivência com alunos agressivos	19
5.2	Reação dos professores frente a conduta agressiva.....	20
5.2.1	Conversando com a criança	20

5.2.2	Atitudes utilizadas.....	21
5.2.3	Atividades desenvolvidas.....	22
5.3	Fatores relacionados com conduta agressiva.....	23
5.3.1	Familiar.....	24
5.3.2	Sócio/Econômico/Cultural.....	27
5.3.3	Afetividade/Aceitação.....	28
5.3.4	Condições de Saúde/Doença.....	29
5.3.5	Sentimentos dos Professores.....	30
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
	Referências Bibliográficas.....	34
	ANEXOS.....	36

1 INTRODUÇÃO

Durante o ano 2000, no período de março a dezembro, participei do Projeto de Extensão Universitária "Saúde e Violência Escolar" realizado na Escola Municipal de 1º Grau Vereador Carlos Pessoa de Brum, situada na rua Abolição, bairro Restinga Velha. Este projeto está sendo coordenado pelo Prof. Dr. Renato Zamora Flores, sendo a equipe composta por estagiários dos cursos de medicina, enfermagem, psicologia e biologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS - e outras universidades.

O referido projeto, consiste em fornecer atendimento clínico a crianças e adolescentes dessa Escola Pública, os quais são encaminhados pelos professores durante os conselhos de classe e/ou em outras situações em que tais profissionais sintam a necessidade de encaminhamento. O objetivo geral deste projeto consiste em fornecer a crianças e adolescentes modelos alternativos e eficientes de lidarem com os problemas do cotidiano sem necessidade de recorrerem à violência física, promovendo diálogos entre partes conflitantes, estimulando estratégias comportamentais cognitivas e promovendo o desenvolvimento da empatia, auto-estima e competência social. Os professores preenchem um parecer descritivo dos alunos, constando os motivos de encaminhamento deste para o atendimento a ser realizado pela nossa equipe. As principais queixas contidas em tais encaminhamentos se referem a: agressividade e dificuldade de aprendizagem.

A vivência desta realidade levou-me a alguns questionamentos, tais como: como a agressividade se manifesta dentro da sala de aula? O que poderia estar causando a conduta agressiva no escolar? Como os professores lidam com a situação?

A busca destas respostas motivou-me a realização desta pesquisa. No Brasil a educação, principalmente na escola pública, acontece de forma tradicional. Vivemos transformações importantes na área tecnológica, porém a escola não acompanha essa evolução. Professores tentam adaptar-se como podem frente a alunos que vem de realidades diferenciadas com conhecimentos diversificados e encontram na escola um ranço educacional que não lhes provoca interesse para aquisição do conhecimento. No Brasil o período escolar é obrigatório na faixa dos 7 aos 14 anos, e, se caracteriza pela transferência formal do conhecimento de maneira sistemática.

Diante deste quadro que se apresenta, penso que antes de falarmos em agressividade é importante lembrar que a criança e o adolescente estão vivendo um período de adaptações mentais e sociais, próprias da natureza humana e próprias também desta faixa etária. Quando não compreendidas podem levar a erros de interpretação. Um aluno poderá vir a ser considerado agressivo pelo professor, por exemplo, quando suas emoções estão sendo testadas por ele próprio. Neste sentido, pode-se relativizar a agressividade.

Neste trabalho, será dado ênfase ao estudo da agressividade no ambiente escolar, procurando entender a percepção dos professores em relação às suas causas, fatores relacionados e implicações no processo de ensino-aprendizagem.

2 FUNDAMENTANDO O TEMA

A agressividade no ser humano é analisada segundo várias linhas de estudo e trata-se de um tema muito complexo.

Tedeschi e Felson (1994, p. 102) relatam que:

"o fenômeno da agressão entre os seres humanos é abordado em disciplinas tão distintas como a biologia, a antropologia e a psicologia. Cada área do conhecimento vê o tema sob uma diferente perspectiva..."

Considera-se como agressivo o comportamento destrutivo com a intenção de infringir dano físico a outros, a si mesmo ou a propriedades (Connor e Steingard, 1996).

Para Souza (1978) a agressividade é inata no ser humano, podendo a ação das pessoas com as quais venha a conviver intensificá-la ou moderá-la.

Mussen (1988) estabelece uma ligação entre o comportamento agressivo e a sociedade na qual o indivíduo está engajado. Acredita que todas as sociedades restringem até certo ponto o comportamento agressivo, mas variam consideravelmente no valor atribuído à agressão e no grau em que esta é restringida. Mussem (1988, p. 353) confirma isto no exemplo:

"Entre as tribos de índios americanos, os Comanches e os Apaches criavam seus filhos para serem guerreiros, ao passo que os Nepis e os Zunis valorizavam orientações pacíficas, não violentas."

Existe uma relação importante entre a agressividade e um desprazer corporal. Acredita-se que a agressividade nasce de um desprazer profundo, de um desconforto corporal entendido o "corporal" como uma totalidade. A relação com a mãe deveria ser privilegiada, determinado de certa forma uma segurança afetiva, boa comunicação e oportunidades vivenciais corporais agradáveis. (Negrine, 1994)

Estudos realizados na década de 70 indicam que comportamentos infanto-juvenis agressivos na escola poderiam estar relacionados a uma possível "desestruturação familiar".

Bee (1978, p. 198) relata que "em estudos de situações familiares reais, um dado consistente é que as crianças que estão sendo rejeitadas podem se mostrar altamente agressivas".

A família, neste caso, é vista como fundamental para o controle dos impulsos agressivos da criança. Bee (1978, p. 199) cita que:

"As famílias que parecem ter as crianças menos agressivas parecem ser aquelas onde se pratica uma combinação de não-permissividade, não-punição e não-rejeição".

Vários pesquisadores verificaram que a instabilidade familiar pode constituir um componente importante na gênese, manutenção e agravamento das adaptações escolares – inclusive o comportamento agressivo. Quando a família não é capaz de funcionar como unidade básica de desenvolvimento e de experiências, pode tornar-se um fator de enfermidade.

A diferença de sexo em relação ao comportamento agressivo é ressaltada por alguns autores. Em estudo realizado por Mussem (1988), constatou-se que os meninos são mais agressivos do que as meninas.

"Os meninos são particularmente propensos a reagir com agressão física quando são atacados ou quando alguém interfere em suas atividades. Em um estudo de observação de crianças pré-escolares, os meninos eram atacados apenas ligeiramente

com maior frequência do que as meninas, porém eram duas vezes mais propensos a responder com um contra-ataque” (Parke e Slaby apud Mussem, 1988, p. 357).

Bee (1978) cita uma diferença na manifestação do comportamento agressivo entre meninos e meninas. Há algumas sugestões de que as meninas e mulheres podem ser mais agressivas verbalmente e que os meninos e homens são mais propensos a mostrarem agressões físicas abertas.

Um fator que é considerado neste estudo são os hormônios.

Muitos hormônios, cujas secreções se modificam na puberdade, têm sido considerados na expressão do comportamento agressivo: h.adrenocorticotrófico, prolactina, estrógeno, progesterona, adrenalina e testosterona. Dentre estes, é a testosterona que tem recebido maior atenção – os machos são mais agressivos que as fêmeas em todas as espécies nas quais a testosterona é mais alta neles. Em hienas, nas quais a testosterona é mais elevada nas fêmeas, elas formam o sexo mais agressivo.

Em relação a manutenção da agressão, Mussem (1988) refere que existem diferenças individuais constantes na tendência ao comportamento agressivo que persistem através do tempo. Mussem (1988, p. 355) relata que:

“as crianças altamente agressivas nos primeiros anos tem a probabilidade de o serem quando alcançam a adolescência e a fase adulta. As não agressivas tendem a continuar assim.”

A agressividade está cada vez mais presente na sala de aula, envolvendo não somente os alunos mas também os professores. Com relata Amaral (1996, p. 9):

“As salas de aula estão cada vez mais repletas de alunos que gritam, empurram, arranham, batem. As atitudes agressivas parecem explodir a qualquer instante, tanto por parte dos alunos quanto por parte do professor.”

Para alguns autores, há uma ligação íntima entre agressividade e frustração. Outros tantos, porém, refutam essa ligação, acreditando que os atos agressivos são descargas de comportamentos agressivos, fruto de aprendizagem e de fatores sociais desencadeantes

Em relação ao professor, Campos (1984) reforça que uma personalidade violenta é o resultado de uma concepção pedagógica autoritária que logicamente produz homens agressivos e autoritários. A educação agressiva e autoritária priva o indivíduo, que agora é autoritário e violento, do necessário equilíbrio interno para que atualize suas potencialidades de cooperação e solidariedade. Esta situação se torna mais evidente em uma sociedade competitiva e não solidária. Amaral (1996) refere que o autoritarismo e a ameaça por parte do professor criam um clima tenso, que reforçado muitas vezes pela desintegração da estrutura familiar, trazem as escolas, cada vez mais, alunos com condutas inadequadas e anti-sociais.

Outros autores, procuram diferenciar agressividade de agressão, considerando a agressividade como um estímulo à aprendizagem. Fernandez (1992, p.52) diz que a agressividade “não é algo que tenha que ser evitado, nem uma enfermidade que precisa ser curada. Ela faz parte de toda pulsão e do desejo do saber”.

A agressividade faz parte do impulso de conhecer, enquanto a agressão dificulta a possibilidade de pensar. A agressividade está a serviço da autoria do pensamento, pois precisamos de um quantum de agressividade para nos tornarmos autores dos nossos próprios pensamentos. Já a agressão, estimulada por alguns setores do poder, pode pôr-se facilmente a serviço da destruição do pensamento (Fernandez, 1992).

Para Fernandez (1992) não existem crianças agressivas e sim atos agressivos, assim não podemos dizer que um aluno é agressivo. Fernandes (1992, p. 59) relata que:

“Não existem crianças agressivas, assim como não existem crianças hipercinéticas, deficientes mentais, disléxicas, etc. Se

eu digo que uma criança é agressiva, esta agressividade se transforma em parte de sua identidade”.

Na enfermagem, este tema é de fundamental importância para os profissionais que trabalham em saúde pública e, principalmente, que prestam cuidado a crianças e adolescentes nas escolas. A enfermagem escolar constitui um campo definido em alguns países, principalmente nos Estados Unidos, e vem crescendo progressivamente no Brasil.

Segundo Marcondes (1979) a enfermeira atua em quatro grandes áreas relacionadas com a saúde escolar: o ambiente da escola, o ensino de saúde, os serviços de saúde escolar e o relacionamento lar-escola-comunidade.

Duarte (1992) cita Oda ao descrever a relevância do cuidado de enfermagem ao escolar ao dizer

“Os enfermeiros estão se preparando para oferecer atenção primária de saúde aos escolares mediante a avaliação de problemas físicos, psíquicos de comportamento e aprendizagem para dar atenção integral à criança sadia” (Oda apud Duarte, 1992, p. 85).

Em relação ao mercado de trabalho, Costa (1983) ressalta que há necessidade de esforços para que os profissionais de enfermagem obtenham mais esse setor de saúde como campo de suas atividades de cuidado. Rodrigues (1983, p. 53) relata que “a área de saúde escolar é um vasto campo de atuação para a enfermeira de saúde pública que ainda não está sendo explorada suficientemente”.

Portanto, para o enfermeiro desenvolver atividades de cuidado a criança na fase escolar, deve estar preparado para identificar alterações bio-psico-sociais, tais como o comportamento agressivo

3 OBJETIVOS

3.1 *Objetivo Geral*

Conhecer a percepção dos professores sobre a agressividade do aluno no ambiente escolar, principalmente dentro da sala de aula.

3.2 *Objetivos específicos*

Identificar quais os critérios utilizados pelos professores ao caracterizarem um aluno como agressivo.

Entender como os professores reagem diante da conduta agressiva dos alunos em sala de aula.

Buscar fatores relacionados aos fenômeno, de acordo com a visão dos professores

4 METODOLOGIA

4.1 Tipo de estudo

O estudo foi conduzido segundo o enfoque de pesquisa qualitativa, utilizando o método exploratório descritivo.

Segundo Souza (1993, p. 21), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado”.

Segundo Triviños (1987, p. 109): “os estudos exploratórios permitem ao investigador ampliar sua experiência em torno de determinado problema”. O pesquisador planeja um estudo exploratório para descobrir os elementos necessários que lhe permitam, em contato com determinada população, obter as informações que necessita. (Triviños, 1987)

4.2 Participantes

O estudo teve como participantes seis professores da Escola Municipal de 1º grau Vereador Carlos Pessoa de Brum que foram escolhidos aleatoriamente e que concordaram em participar da investigação. Os participantes assinaram em duas vias de igual teor o Termo de

Consentimento Informado (anexo A), ficando uma via com o participante e outra com o pesquisador responsável.

Na busca qualitativa, a preocupação se dá pelo aprofundamento e abrangência da compreensão do que será estudado, não sendo portanto, de caráter numérico. A amostra considerada a melhor possível é aquela que é capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões (Minayo, 1993).

4.3 Contexto

A Escola Municipal de 1º grau Vereador Carlos Pessoa de Brum situa-se na rua Abolição, s/n, Bairro Restinga Velha em Porto Alegre. Este bairro é caracterizado pela realocação forçada, na década de 1960 e 70, de favelas (vilas) que criavam dificuldades nas regiões mais centrais do município.

4.4 Coleta de informações

Para a coleta de informações, foi utilizada uma entrevista semi-estruturada individual (anexo b) e um gravador para gravar as informações obtidas com os entrevistados. As fitas, que contêm as entrevistas e suas respectivas transcrições estão guardadas como documentos.

De acordo com Minayo (1993), a entrevista semi-estruturada combina perguntas fechadas ou estruturadas e abertas, sendo que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer o tema proposto, com ausência de respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

Conforme André e Lüdke (1986), é importante que durante a entrevista haja a criação de uma relação de interação, havendo uma influência recíproca. O mesmo refere que a

vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que permite a captação coerente e imediata da informação.

O início da coleta de informações ocorreu após reunião com a Diretora da Escola no dia 07/05/2001, onde apresentei o meu Projeto de Pesquisa explicando-lhe como seria desenvolvido o estudo junto aos professores. A Diretora da escola concordou com a realização da pesquisa, mostrando-se disponível para auxiliar-me se necessário. A coleta de informações iniciou-se então no dia 10/05/2001 e terminou no dia 28/05/2001, totalizando seis entrevistas realizadas com duração média de dez minutos cada. As entrevistas ocorreram sempre nas segundas e quintas-feiras, no turno da tarde, na sala destinada ao atendimento dos alunos.

4.5 Considerações éticas

Para que fossem cumpridos os aspectos éticos desta pesquisa, foi utilizado o “Consentimento Informado” (Goldim, 1997), por escrito e prévio dos entrevistados. A entrevista só foi realizada após esta confirmação. Para manter sigilo sobre a identidade dos respondentes, foram utilizados nomes fictícios. O projeto foi avaliado pela Comissão de Ética do Hospital de Clínicas de Porto Alegre, recebendo aprovação para a sua execução.

4.6 Interpretação das informações

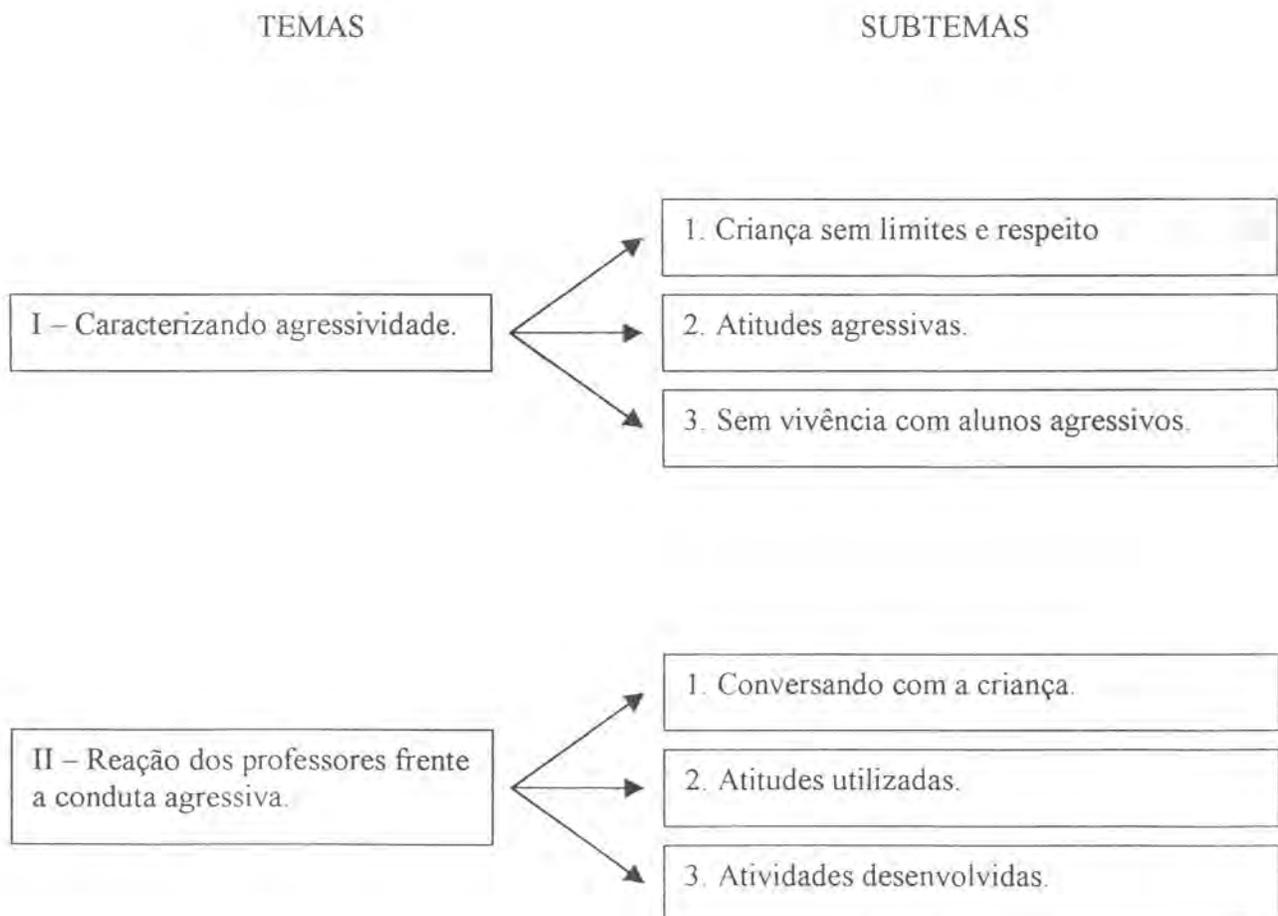
As entrevistas foram analisadas dentro da abordagem da análise de conteúdo de BARDIN (1977), que visa analisar os conteúdos de modo classificatório. Segundo BARDIN, esse modo de análise de conteúdo é o exemplo mais clássico e conhecido na interpretação de respostas a perguntas abertas, como é o caso das entrevistas.

A análise de conteúdo organiza-se em torno de três fases: 1) a pré-análise; 2) a exploração do material; 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A pré-análise é a fase de organização propriamente dita. É o momento de se definir, principalmente, unidade de registro, unidade de contexto, trechos significativos e categorias. Na segunda fase, o momento é de aplicarmos o que foi definido na fase anterior. É a fase mais longa. Consiste essencialmente de operações de codificação. Na terceira fase, os resultados são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos.

5 DESVELANDO AS PERCEPÇÕES DOS PROFESSORES

A análise e interpretação dos conteúdos emergidos das falas dos professores organizaram-se em torno de três grandes temas e seus respectivos subtemas.





5.1 Caracterizando agressividade

Segundo TELES (1975) a agressividade é uma força natural no homem, pois é ela que permite ao indivíduo lutar contra o meio ambiente, impôr-se e sobreviver. A educação imprópria, no entanto, poderá provocar o seu descontrole. Assim, a agressividade pode se exacerbar, transformando-se em hostilidade, provocando atitudes de rebelião contra a autoridade e de agressão contra o mundo, ou pode ser praticamente anulada ou voltar-se contra o próprio indivíduo, provocando atitudes de retraimento e autoflagelação moral. Podemos observar a ocorrência deste processo em quase todos os distúrbios de conduta infantil ou juvenil.

Segundo Souza (1978), a agressividade faz parte do patrimônio psicológico da humanidade e em si não é algo “bom” ou “mau”: será uma coisa ou outra, dependerá do uso que se faça dela. É uma espécie de combustível indispensável para evitar a extinção das espécies.

5.1.1 Crianças sem limites e respeito

A criança agressiva é considerada por alguns entrevistados como aquela que não tem limites e respeito no convívio com os demais, o que pode ser evidenciado pelas seguintes falas:

“... não tem respeito pelos limites estabelecidos pelo grupo”.
(Bia)

“Que grita, que xinga os outros, independente se é com os professores ou com os colegas, que chuta a porta”. (Bia).

Para Amaral (1996), por trás de uma atitude violenta está um pedido de limites e disciplina. No atendimento aos alunos, muitas vezes percebemos que as crianças ditas agressivas pelos professores na realidade eram crianças que não tinham muito bem estruturada essa questão dos seus próprios limites. A criança apresenta uma conduta agressiva como um sintoma de que algo não está bem em sua educação.

Os professores também relatam a utilização da agressividade física e verbal entre as crianças na escola:

“...aluno que não consegue manter o respeito com seu colega, ...
- começa: porque tu é bobo, chato - daqui a pouco ele começa a avançar ... atira um giz, atira um lápis”. (Ana)

“O aluno que agride com palavras ou com gestos ou até com violência.” (Betí)

O pensamento dos professores é reforçado por MUSSEM (1988), quando relata que para alguns psicólogos a agressão é o comportamento que ofende ou tem o potencial para ofender uma outra pessoa ou objeto. A agressão pode caracterizar-se por ser um ataque físico (bater, dar pontapés, morder), ataque verbal (gritar, xingar, depreciar) ou violação dos direitos alheios. O nosso atendimento de saúde a crianças é realizado em uma sala ao lado das salas de aula, por isso observamos durante o recreio e nas trocas de período entre as aulas que os

alunos muitas vezes apresentam atitudes de agressividade entre si, com um leve predomínio da agressividade verbal. Este tipo de agressividade também é observado algumas vezes entre professor e aluno durante as aulas.

Colavitti (2001) relata que a agressão física sofrida na escola em geral, por alguém mais forte poderá ser freqüente, infernizando a vida da criança, afetando seu relacionamento familiar e causando entraves no aprendizado. Estes aspectos são tão presentes no cotidiano da escola que emergem dos depoimentos dos professores.

Ana ressaltou o uso da agressividade física na caracterização de um aluno agressivo:

“... é aquele cara que tu não consegue ter controle sobre ele, não adianta dizer para parar, ... segurar porque ele segue batendo, segue dando, segue surrando não interessa quem seja”. (Ana)

Este relato está de acordo com Connor e Steingard (1996), que consideram como agressivo o comportamento destrutivo com a intenção de infringir dano físico a outros, a si mesmo ou a propriedades.

5.1.2 Atitude agressiva

Para Fernandez (1992), não existem crianças agressivas e sim atos agressivos. Pois se eu digo que uma criança é agressiva, esta agressividade se transforma em parte de sua identidade. Se é dito a uma criança que ela cometeu um ato agressivo, ela vai poder receber de quem disse, junto com o reconhecimento de que cometeu um ato agressivo, a possibilidade de ser reconhecida como sendo mais do que isso, senão de onde sairá a energia para sanar-se, se não é dos aspectos saudáveis desse próprio sujeito?

Um dos entrevistados relatou que

“... não seria assim um aluno agressivo, seriam atitudes agressivas”. (Ana)

Este relato reforça a visão de Fernandez sobre agressividade e conduta agressiva

Percebemos, porém, que muitos professores ao preencherem os pareceres descritivos dos alunos a fim de serem atendidos por nossa equipe, utilizam expressões do tipo: “o aluno é agressivo, agitado ...”. É necessário que estes tenham muito cuidado para não falarem dessa maneira na frente do aluno, pois estariam colocando um “rótulo” nesta criança, o que poderá causar prejuízo para o seu desenvolvimento futuro. Em algumas ocasiões, os professores encaminharam crianças para serem atendidas por nossa equipe caracterizando-as como agressivas quando na realidade estas crianças estavam passando por alguns problemas pessoais, com alterações de conduta sim, mas não o suficiente para serem “rotuladas” de agressivas. Os professores devem lembrar que um dos papéis da escola é a socialização da criança, que pode ser melhor desenvolvida se oportunizarmos a mesma o desenvolvimento de todo o seu potencial, reforçando a sua auto-estima. A colocação de rótulos na criança tanto por parte dos professores ou colegas, arrasa a auto-estima e pode trazer problemas de aprendizado. É importante que todos os profissionais tenham cuidado com essa questão dos “rótulos” quando lidam com a criança e o adolescente.

5.1.3 Sem vivência com alunos agressivos

Uma das professoras entrevistadas afirmou que, apesar de saber o que é um aluno agressivo e suas características, nunca o teve em sala de aula:

“... nunca tive nenhum aluno agressivo a ponto que eu percebesse assim na sala de aula...” (Ana)

Na realidade, o conceito de agressividade e de aluno agressivo é muito relativo e vai depender da maneira como interpretamos as situações do cotidiano. Uma mesma criança que pode ser considerada agressiva por um professor, poderá ser vista de outra maneira por outro.

Fernandez (1992), ressalta que a diferença de sexo da pessoa que analisa a situação pode modificar a sua percepção. Por exemplo, um adulto homem e um adulto mulher assistem

uma cena onde duas crianças estão brigando. Para a autora, é muito mais fácil que a mulher que observa a cena dê um caráter agressivo à briga enquanto que o homem dará um caráter de brincadeira ou de algo necessário para que aqueles meninos se tornem homens.

Este exemplo nos mostra a complexidade de variáveis que podem estar influenciando na formação do conceito de agressividade por uma pessoa.

5.2 Reação dos professores frente a conduta agressiva

Muitos professores questionam-se atualmente acerca do que fazer diante da conduta agressiva de seus alunos.

Fernandez (1992, p. 53) relata que:

“Se eu, frente a um ato agressivo dirigido a minha pessoa, não consigo usar minha capacidade criativa para situar-me frente a esta situação e poder no mínimo pensá-la, sou eu quem estou agredindo a mim mesma, mais do que o aluno que está me agredindo.”

Fernandez salienta que o professor agredido deve se dar conta que o aluno está agredindo, através dele, a outras situações. Deve-se perguntar: “O que ele está agredindo? O que ele quer agredir, quando me agride?”

5.2.1 Conversando com a criança

A maioria dos professores respondeu que, diante de um ato agressivo de uma criança, procura conversar com a mesma. Isto pode ser evidenciado através dos seguintes relatos:

“A minha reação é no máximo de conversa com ele.” (João)

“Eu procuro conversar com o aluno.” (Rosa)

Esta atitude é reforçada por Negrine (1994), ao afirmar que uma das primeiras atitudes do adulto com uma criança agressiva seria de traçar estratégias para uma boa comunicação. Uma criança agressiva necessita de uma relação afetiva muito profunda. Segundo Negrine, este é o caminho que o professor deve trilhar.

Fernandes (1992) aponta como estratégia que se fale a sós com o agredido, primeiro, sem se identificar com ele. Depois, falar com o agressor, e logo com todo o grupo.

Rosa também ressalta a importância de manter a calma nestas situações:

“Eu procuro acalmar-te acalma fulano. Só quero saber o que aconteceu”. (Rosa)

O diálogo franco e sincero com uma criança envolvida em atos agressivos é de fundamental importância para que se possa compreender os verdadeiros motivos que a levaram a cometer este ato, a fim de que se possa retomar posteriormente com a criança acerca do acontecido. É importante que se mostre a criança alternativas mais saudáveis de se lidar diante dos eventos estressores do dia-a-dia.

5.2.2 Atitudes utilizadas

Fernandes (1992) sugere que os professores, frente a um ato agressivo dos alunos, possam perguntar-se:

“Porque me incomoda esta agressão? Este ato agressivo interrompe ou anula o processo de aprendizagem desta criança?”. Porque se partirmos da concepção de que todo ato agressivo interrompe o processo de aprendizagem, já estamos nos desautorizando como pensantes. Eu posso me autorizar como sujeito pensante quando a cada situação, eu posso recorrer a minha capacidade de análise desta situação.

Os professores entrevistados apontaram algumas atitudes utilizadas no manejo com crianças agressivas.

Maria admitiu que, em algumas situações, necessita utilizar a agressividade verbal com os alunos; como cita:

“Tenho, muitas vezes, necessidade de repreender, de dizer que não é assim, de falar mais alto, de gritar, chegando até a agir com agressividade, a agressividade verbal é claro”. (Maria)

Como citado anteriormente, observamos que ocorre a utilização da agressividade verbal entre professor e aluno em sala de aula. Julgamos que se faça uma reflexão crítica a esse respeito. Como poderá o professor exigir do aluno uma conduta mais adequada em sala de aula, se ele mesmo comporta-se de uma maneira agressiva com os seus alunos? A esse respeito, Campos (1994) considera que uma personalidade violenta é o resultado conseqüente de uma concepção pedagógica autoritária que logicamente produz homens agressivos e autoritários. É sabido que somente quem está privado de algo é precisamente quem tem o impulso e o desejo de privar.

Por outro lado, Rosa relatou que procura manter uma relação muito afetiva com seus alunos:

“Procuro tratar eles como se fossem meus filhos. Sempre digo para eles: eu sou mais amiga de vocês, gosto de vocês como se fossem meus filhos”. (Rosa)

Esta professora considera que esta atitude facilita em muito no seu relacionamento com os alunos.

Souza (1978), sugere que, sempre que possível impedirmos a criança de consumir a agressão. Contê-la se necessário, mas nunca transformar a contenção numa contra-agressão.

5.2.3 Atividades desenvolvidas

Alguns professores responderam que procuram realizar um trabalho diferenciado com a criança agressiva e, conforme a necessidade, com o grupo todo.

Beti relatou que:

“Se for algo generalizado na turma, eu procuro fazer um trabalho mais específico em cima daquilo que foi apresentado”.
(Betí)

Esta professora lembrou das questões de discriminação racial e sexual que podem, muitas vezes, estar por trás de uma conduta agressiva.

Ana ressaltou a importância da utilização de trabalhos que possibilitem o contato entre as crianças sem haver a necessidade de agressão, como cita:

“A gente tem que cuidar na hora de trabalhar com eles... com jogos e atividades que favoreçam o toque sem ser essa coisa do empurrão, do tapa, do chute”. (Ana)

Isto pode ser conseguido através da prática de esportes. Segundo Souza (1978), a prática de esportes permite uma “descarga” por via motora do impulso agressivo e é uma das formas socialmente aceitas de expressar a agressividade.

5.3 Fatores relacionados com conduta agressiva

Alguns autores ligam intimamente agressividade e frustração. Para outros, entretanto, os atos agressivos são descargas de comportamentos agressivos, fruto de aprendizagens e de fatores sociais desencadeantes.

Em relação ao professor, Amaral (1996) considera que o excesso de autoritarismo que geralmente desencadeia atitudes agressivas na escola não depende exclusivamente deste, mas também da estrutura hierarquizada da escola, do sistema educacional em si e da estrutura social a que o professor se encontra submetido. Sua atuação em sala de aula é condicionada pelas leis da escola, pelos sistema de controle e pela formação que teve.

As crianças e jovens de hoje estão expostos a uma grande quantidade de estressores, incluindo os meios de comunicação. A televisão, principalmente, vem oferecendo programas recheados de violência e brutalidade (Amaral, 1996).

5.3.1 Familiar

A família é um sistema social semi-aberto composto por indivíduos ligados por compromisso mútuo que interagem entre si no desempenho de papéis estruturados pela cultura e pela sociedade. (Cartana apud Vanzin e Nery, 1998)

Uma das funções mais importantes da família é a transformação das crianças em pessoas adultas, como participantes da sociedade. Representa a socialização primária. (Vanzin e Nery, 1998)

O ambiente familiar e as relações que se estabelecem nele foram considerados pelos entrevistados como fatores que contribuem para o desenvolvimento de condutas agressivas na escola, o que pode ser evidenciado pelas seguintes falas:

“A agressividade, na minha opinião, vem de casa.” (João)

“... alguma coisa do ambiente familiar, alguma coisa que perturbe em casa.” (Beti)

Estes relatos estão de acordo com a visão de Souza (1978), que considera que a agressividade da criança é inata, podendo, porém, a ação das pessoas com as quais convive (pais, irmãos, demais parentes, etc) intensificá-la ou moderá-la.

Bee (1978) apontou, em diversos contextos, que um dos fatores que influencia o nível de agressividade de uma criança pode ser o modelo de comportamento dado pelos seus pais. Quando os pais batem numa criança, eles estão mostrando-lhe um modelo de ação agressiva, em resposta à frustração ou raiva. As evidências sugerem que as crianças cujos pais usam

punição física consistentemente, são mais agressivas talvez, por causa do modelo agressivo fornecido.

Estudos realizados na década de 70 indicam que comportamentos infato-juvenis agressivos na escola poderiam estar relacionados a uma possível “deestruturação familiar”.

Cabe destacar o relato de dois entrevistados:

“... dentro da escola, é o reflexo de uma residência onde a família está super-desestruturada...” (Ana).

“O fato da agressividade acontecer dentro do ambiente escolar é porque já existe uma confusão. Eles não tem muito bem estruturada a questão familiar, a questão de casa.” (Bia)

De acordo com Nunes (1999), as atitudes e expressões de agressividade no espaço familiar são interpretados como violência simbólica, podendo ter como consequência o surgimento de alterações na aprendizagem e no desenvolvimento da criança. São apontados alguns aspectos críticos no desenvolvimento da subjetividade da criança, como por exemplo, os gestos de indiferença dos pais em relação as preocupações da crianças sobre seu não-saber das atividades escolares, e o desinteresse dos pais expresso pela violenta imposição de tarefas diárias que dificultam à criança o cumprimento das atividades solicitadas pelos professores. O depoimento dos professores revela que há uma relação entre desinteresse dos pais com a educação de seus filhos e a manifestação de agressividade na escola, o que é observado na seguinte fala

“Eu vejo que eles vem de fora com uma carga enorme de agressividade... a maioria não recebe ajuda quanto aos trabalhos escolares, os pais nem sabem se eles vem com o caderno” (Rosa)

Percebemos que a maioria das crianças e adolescentes que são encaminhados para atendimento por nossa equipe de saúde provém de famílias complicadas, cabe destacar dois tipos de famílias com as quais mais trabalhamos, as super-protetoras e as famílias desestruturadas

As famílias super-protetoras causam problemas para o desenvolvimento infantil à medida que impedem a criança de cometer seus próprios erros e aprender com isso. Para Souza (1978), a criança criada em um lar superprotetor tem poucas oportunidades de ação e de exploração do ambiente, o que lhes reduz as possibilidades de aprendizagem. Além disso, a satisfação imediata de seus desejos impulsivos gera uma baixa tolerância a frustração, o que poderia ocasionar uma maior predisposição ao desenvolvimento de agressividade. Colavitti cita Araújo ao descrever as consequências da ausência de limites e excesso de mimos sobre o comportamento da criança: “a ausência de limites e o excesso de mimos em casa podem fazer com que a criança fique egoísta, chata, agressiva, enfim, não siga as regras básicas de convivência em grupo” (Araújo apud Colavitti, 2001, p. 142).

Observamos durante os nossos atendimentos na escola que as crianças provenientes de um lar superprotetor apresentam poucas noções de limites, determinando características de conduta que tornam difícil a sua convivência em grupo. Como resposta, a criança apresenta um comportamento agressivo, muitas vezes devido a essa dificuldade de obter relações sociais satisfatórias com as outras crianças. As famílias desestruturadas, muitas vezes, são aquelas em que o relacionamento com a criança se faz por meio de um diálogo um tanto alienado. É comum nestas famílias a rotatividade de seus membros, fazendo com que a criança fique ora com o pai, ora com a mãe, ora com os avós. Esta situação pode agravar problemas de auto-estima da criança. É esperado que as manifestações de agressividade e violência estejam presentes neste ambiente, o que faz com que a criança reproduza em sala de aula as mesmas ações que vivencia em seu lar.

5.3.2 Sócio/Econômico/Cultural

Em nosso país, as adaptações escolares em sua maior parte, se originam de fatores situados no plano psicossocial (Souza, 1978).

Alguns professores relataram como fatores desencadeantes da conduta agressiva em sala de aula as desigualdades sociais, dificuldades econômicas, as precárias condições de higiene e o não-suprimento das necessidades básicas do ser humano. Em relação às questões sociais, destaca-se as falas de dois professores:

“Eles buscam o social e o social deles também está muito desestruturado – no clube, no som, na escola de samba ou na rua. As mesmas coisas que eles fazem nesses lugares eles fazem na escola também”. (Bia)

“É complicado falar contra a droga quando, na minha sala de aula, eu tenho o filho do traficante, o usuário de drogas”. (Ana)

Para Amaral (1996), se as famílias resolvessem seus conflitos e tivessem uma melhor qualidade de vida, se as desigualdades sociais fossem minimizadas, certamente teríamos alunos mais saudáveis em nossas salas de aula.

Em relação as questões de higiene, Ana ressalta que:

“É difícil falar de higiene quando sei que o cara, com um frio de 3º ou 4º tem água gelada em casa.” (Ana)

“Eu falo em banho, em higiene, falo em hábitos de higiene quando a casa dele é um muquifo!” (Ana)

Para esta professora, as más condições de higiene em que vivem algumas crianças e adolescentes podem influir diretamente na manifestação do comportamento agressivo, o que pode ser evidenciado pelo seguinte relato:

“Muitas vezes o rapaz, a mocinha, o menino, a criança é agressiva com o colega porque ela sabe que está fedendo. Ela não quer que o colega chegue perto então ela é agressiva”. (Ana)

A esses fatores soma-se, segundo Nunes (1999), o ambiente de carência em que vivem os alunos, sem alimento, em habitações destituídas de higiene e/ou em locais perigosos, onde se assistem e vivenciam cenas de violência, com uso de objetos ou armas, na própria família ou na vizinhança, colocando em risco a integridade física e emocional dos que vivem naquele meio adverso.

É preciso que estejamos cientes de todo esse contexto e sua colaboração para o desenvolvimento de adaptações escolares – incluindo a agressividade.

5.3.3 Afetividade/Aceitação

As crianças necessitam de relações afetuosas e satisfatórias com as outras pessoas ao seu redor e devem desenvolver estilos de interação que produzam tal satisfação (Bee, 1978).

Os professores consideravam também as questões afetivas como possíveis desencadeantes da conduta agressiva no ambiente escolar. Beti aborda a questão da aceitação da criança pelo grupo:

“Pode ser alguma coisa da turma, de repente ele não é aceito pela sua maneira de ser dentro da turma” (Beti)

Acreditamos que, para a criança e o adolescente, é muito importante sentir-se aceito no grupo e quando isso não acontece há uma frustração, que poderá implicar em problemas de conduta. Teles (1975) lembra que a frustração provoca reações agressivas, assim como pode levar à regressão e ao isolamento.

Maria ressalta que a frustração das crianças que não conseguem aprender podem desencadear um comportamento agressivo:

“... avalio isso – essa frustração, essa baixa tolerância deles. Ele se frustra e não consegue fazer daí sim se torna agressivo.” (Maria)

As crianças, muitas vezes, tem a necessidade de serem agressivas com os colegas para poderem estabelecer um contato físico com alguém, uma vez que elas não recebem esse contato através de um carinho, de um abraço das pessoas com quem convivem. A criança estaria utilizando a conduta agressiva como uma forma de “toque”, de contato humano. Essas percepções podem ser verificadas nas seguintes falas de Ana:

“O tempo inteiro eles estão se tocando... não é só uma questão de agressividade e violência, é falta de contato humano.” (Ana)

“... o carinho que a minha mãe não me dá, eu dou um tapa nele porque pelo menos eu estou tocando em alguém, e a gente percebe isso entre eles.” (Ana)

O corpo é um veículo de expressão e comunicação. É através da linguagem corporal que o ser exterioriza a sua complexidade interior. (Gonçalves apud Motta, 1997)

É importante que, diante de uma criança com condutas agressivas, procuremos entender como estão as relações afetivas dessa criança com as pessoas a sua volta. Será que esta criança está recebendo o carinho de que necessita? Será que a conduta agressiva não está sendo utilizada como uma maneira de estabelecer um contato físico com alguém?

A escola poderia ser um local que estimulasse as relações afetivas da criança, pois um dos principais papéis desta é a socialização da criança. Com já abordado anteriormente, a criança necessita de relações afetuosas satisfatórias com as outras pessoas e quando isso não ocorre poderá desencadear problemas de conduta e de aprendizagem.

5.3.4 Condições de Saúde/Doença

Os problemas de saúde foram considerados pelos professores como prováveis fatores relacionados com a conduta agressiva no ambiente escolar, o que pode ser evidenciado pelos relatos:

“... problemas de saúde que a gente sabe que não é pouco que tem por aqui!” (Ana)

“Eu já percebi alunos que tem problemas neurológicos, que a gente percebe que não é um problema apenas social”. (Betí)

É importante ressaltar que, em muitas doenças mentais, a manifestação de condutas agressivas é muito frequente. Destacamos os casos de retardo mental, onde a alteração de comportamento e o descontrole de impulsos estão presentes.

Em relação a conduta agressiva como uma resposta à dor, Campos (1984) cita a seguinte postulada de Ulich: “nos animais e verdadeiramente também nos homens, a conduta agressiva é uma imediata e natural consequência sistemática de dor”. (El dolor como causa de la agresion, p. 127)

Quando uma criança estiver apresentando uma conduta agressiva na escola, é importante investigarmos como ela está se sentindo em relação à sua saúde, pois, um desconforto físico, poderá ocasionar uma resposta agressiva por parte da mesma.

5.3.5 Sentimentos dos Professores

Os professores relataram sentimentos de impotência diante das dificuldades sócio-econômicas enfrentadas pelos alunos. Estes sentimentos são exemplificados pelo seguinte relato:

“A gente é que está no meio de duas paredes, prensado. Num lado o aluno, que tu sabes que tem que assistir as necessidades dele e o outro lado é de uma sociedade que te pressiona a mostrar que existe o outro lado” (Ana)

As relações entre a escola e a estrutura social produzem no professor um sentimento de impotência, pessimista que, segundo Freitas (1991), conduz a uma total descrença nas possibilidades da escola como local de luta e transformação

A escola atualmente, é uma instituição em que a criança desenvolve a maior parte da sua socialização. É uma instituição, que é reconhecida, oficialmente, como um espaço de defesa dos direitos das crianças e dos adolescentes. Nesse sentido, a escola poderia ser de fato um local propício a reflexões sobre as relações entre pais e filhos em torno de questões concretas como violência, desnutrição, falta de múltiplos recursos com que se defrontam as famílias de baixa renda no Brasil.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados do presente estudo apontam que os professores, em sua maioria, consideram como criança agressiva aquela que não tem respeito e limites no convívio social. Seus depoimentos demonstram que a agressividade, tanto a física como a verbal, está cada vez mais presente no ambiente escolar, já fazem parte do cotidiano de trabalho destes profissionais. Porém, a agressividade verbal também aparece na relação professor-aluno em sala de aula.

O diálogo parece ser a conduta mais utilizada pelos professores diante de uma situação de agressividade entre os alunos. Se a situação não for resolvida desta maneira, os professores encaminham os alunos envolvidos para o SOE.

Os professores identificaram, de diversas maneiras, que a conduta agressiva dos alunos é uma repetição dos comportamentos de terceiros: eles são violentos por serem criados sem atenção dos adultos, em famílias complicadas e violentas, aprendendo com os mais velhos a se tornarem agressivos. As condições sócio-econômicas também foram bastante citadas pelos professores como agravantes para a manifestação do comportamento agressivo. A questão da afetividade da criança também foi abordada. Para os professores, a baixa auto-estima de algumas crianças tem sido bastante evidenciada, dificultando a aprendizagem e trazendo problemas de comportamento.

Com base nestes resultados, fazemos algumas considerações.

A questão da agressividade é um tema muito complexo e precisa ser encarada sob diversos aspectos. Em muitas ocasiões, a avaliação de aluno agressivo feita por um professor não correspondia à avaliação da equipe sobre aquele aluno. Por isso, acreditamos que deve ser feito um trabalho com os professores, onde estes possam adquirir maior conhecimento acerca das etapas evolutivas da criança. Também deve ser trabalhada a questão da agressividade verbal dos professores dentro da sala de aula, procurando encontrar outras maneiras mais saudáveis de se lidar frente ao stress gerado no ambiente escolar.

A escola, ao invés de perpetuar a violência, pode criar situações agradáveis, onde as relações se estabeleçam num clima confiante e democrático, pois as estruturas doentes o aluno já tem lá fora.

Acreditamos também que os educadores devem procurar atuar junto as famílias, pois estas representam a base das experiências de vida da criança. A família deve caminhar junto com a escola, para que os problemas possam ser resolvidos de uma maneira mais efetiva.

É fundamental que seja resgatada a auto-estima dessas crianças, que muitas vezes encontra-se abalada. Como no ambiente familiar nem sempre isso é possível, a escola deve assumir este papel – reforçando os aspectos positivos da criança, contribuindo para a sua aprendizagem e elevando a sua auto-estima. A colocação de “rótulos” na criança deve ser evitada, pois poderá trazer problemas para o desenvolvimento da criança.

A enfermagem escolar constitui um campo definido em alguns países e vem crescendo progressivamente no Brasil.

Acreditamos que o papel do enfermeiro na escola poderá auxiliar aos educadores na resolução dos problemas do escolar. O enfermeiro também poderá ser um elo entre a família e a escola, contribuindo assim para a avaliação de problemas físicos, psíquicos e de comportamento para dar atenção integral à criança sadia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AMARAL, L. F. A agressividade na escola. **A didática em revista**. Rio Grande, v. 3, n. 5, p. 9-11, jul/dez, 1996.
2. ANDRÉ, M. E. D.; LÜDKE, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas – temas básicos de educação e ensino**. São Paulo: EPU, 1996.
3. BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
4. BEE, H. **A criança em desenvolvimento**. São Paulo: Harbra, 1978.
5. BOCK, A. M.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. **Psicologias**. São Paulo: Saraiva, 1995.
6. CAMPOS, L. H. M. A agressividade infantil e a teoria da conduta. **Revista perspectiva**. Florianópolis, v. 1, n. 3, p. 128-134, jul/dez, 1984.
7. COLAVITTI, F. Inferno na escola. **Revista Veja**. São Paulo, ano 34, n. 23, p. 142-143, 13 de junho de 2001.
8. CONNOR, D. F. & STEINGARD, R. J. **A clinical approach to the pharmacotherapy of aggression in children and adolescents**. New York: The New York Academy of Sciences.
9. COSTA, J. Assistência de enfermagem ao escolar. **Revista paulista de enfermagem**. São Paulo, v. 3, n. 5, p. 159-160, out/dez, 1983.
10. DUARTE, L. R.. Consulta de enfermagem em saúde do escolar: proposta e avaliação de um modelo operacional. **Revista paulista de enfermagem**. São Paulo, v. 11, n. 2, p. 85-87, mai/ago, 1992.
11. FERNANDEZ, A. **Agressividade: qual o teu papel na aprendizagem?** In: Jornada de estudos pedagógicos. Porto Alegre: março de 1992.
12. FREITAS, L.. **A produção da ignorância na escola**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1991.
13. GOLDIM, J. R.. **Manual de iniciação à pesquisa em saúde**. Porto Alegre: Decasa, 1987.

14. MARCONDEZ, R. S. **Educação em saúde na escola**. São Paulo, Faculdade de Saúde Pública da USP. Disciplina de Educação em Saúde Pública, 1979
15. MINAYO, M. C. S., **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2ª ed. São Paulo: Hucitec – Abrasco, 1993.
16. MOTTA, M. G. C. **O ser doente no tríptico mundo da criança, família e hospital: uma descrição fenomenológica das mudanças existenciais**. Florianópolis, 1997. Tese de Doutorado – Universidade Federal de Santa Catarina.
17. MUSSEN, P. H. et al. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra, 1988.
18. NEGRINE, A.. A criança pré-escolar e a agressividade. **Revista de estudos**. Novo Hamburgo, v. 17, nº esp., p. 21-25, ago/set, 1994.
19. NUNES, L. C.. Relações entre o espaço familiar e a aprendizagem. **Revista texto contexto enfermagem**. Florianópolis, v. 8, n.2, p. 409-473, mai/ago, 1999.
20. RODRIGUES, M. A.. Enfermeira na saúde escolar. **Revista paulista de enfermagem**. São Paulo, v. 3, n. 2, p. 50-53, mar/abr, 1983.
21. SOUZA, M. C. et al. **Pesquisa social**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.
22. SOUZA, R. P.. **Nossos filhos a eterna preocupação**. Porto Alegre: Globo, 1978.
23. TEDESCHI, J. T. & FELSON, R. B. **Violence, aggression, ad coercive actions**. Washington, DC: American Psychological Association, 1994.
24. TELES, M. L. S. **Uma introdução a psicologia da educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 1975
25. TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
26. VANZIN, A. S.; NERY, M. E. S. **Atenção integral à saúde da criança: um enfoque epidemiológico**. Porto Alegre: RM&L Gráfica, 1998.

ANEXOS

ANEXO A

CONSENTIMENTO INFORMADO

Esta pesquisa está sendo realizada para o trabalho de conclusão do curso de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Rio Grande do Sul. O objetivo desta pesquisa é saber o que você pensa a respeito da agressividade no ambiente escolar. Será feita uma entrevista semi-estruturada individual, utilizando-se um gravador para gravar suas respostas. Após transcritas para o papel, esta fita será desgravada.

Pelo presente consentimento informado, declaro que fui esclarecido(a), de forma clara e detalhada, livre de qualquer forma de constrangimento e coerção, dos objetivos, da justificativa, dos procedimentos que serei submetido(a), dos riscos, desconfortos e benefícios do presente Projeto de Pesquisa.

Fui, igualmente, informado(a):

- da garantia de receber resposta a qualquer pergunta ou esclarecimento dos procedimentos, riscos, benefícios e outros assuntos relacionados com a pesquisa;
- da liberdade de retirar meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de participar do estudo, sem que isto me traga qualquer tipo de prejuízo;
- da segurança de que não serei identificado e que se manterá o caráter confidencial das informações relacionadas com a minha privacidade;
- do compromisso de proporcionar informação atualizada obtida durante o estudo, ainda que esta possa afetar a minha vontade em continuar participando.

O pesquisador responsável por este Projeto de Pesquisa é Patricia Menezes Castilhos, fone 3223-6040/9696-3334.

Data ____/____/____

NOME E ASSINATURA DO VOLUNTÁRIO

Observação: o presente documento, baseado no item IV das Diretrizes e Normas Regulamentadoras para a Pesquisa em Saúde (Resolução 196/96), será assinado em duas vias, de igual teor, ficando uma via em poder do voluntário e outra com o pesquisador responsável.

ANEXO B

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Questão norteadora:

Faça uma apreciação sobre a agressividade do aluno em sala de aula.

- Tópicos a serem abordados:
 - O que é, para você, um aluno agressivo?
 - Como você reage diante da conduta agressiva de seus alunos?
 - Quais os fatores que você considera estarem relacionados com a conduta agressiva dentro do contexto escolar?